

RESENHA – RESEÑA – REVIEW

UTILITARISMO: UMA BREVE INTRODUÇÃO

UTILITARISMO: UNA BREVE INTRODUCCIÓN

UTILITARIANISM: A VERY SHORT INTRODUCTION¹

Gabriel Garmendia da Trindade, IFRS, campus Ibirubá

Em 1973, o celebrado filósofo britânico Bernard Williams (1929-2003) declarou rispidamente acerca da doutrina moral utilitarista, “não tarda a hora em que não ouviremos falar mais nada sobre isso” (Williams, 1973, p. 150). Meio século depois, não somente a profecia de Williams não se cumpriu, como também não há quaisquer evidências de que algum dia sequer se tornará realidade. Embora ataques similares ao de Williams mantenham-se constantes, desde a época de Jeremy Bentham e John Stuart Mill que o pensamento utilitarista não se revelava tão popular e influente. Um indício disso é a contínua publicação de coletâneas, compêndios, enciclopédias e até mesmo introduções inteiramente dedicadas à investigação, elucubração e disseminação das teses utilitaristas – esse é o caso de ‘*Utilitarianism: a very short introduction*’ (doravante apenas ‘UAVSI’), cujos autores são Katarzyna de Lazari-Radek e Peter Singer, muito possivelmente os dois maiores representantes do utilitarismo nos dias de hoje.

UAVSI se encontra dividido em seis capítulos. No primeiro capítulo, Lazari-Radek e Singer realizam um resgate histórico-filosófico das diferentes perspectivas utilitaristas desenvolvidas até o século XX. Tal resgate inicia com o filósofo chinês Mozi (490 a.C.-403 a.C.), o qual talvez possa muito bem ter sido o primeiro pensador a defender algo similar àquilo que é atualmente tido como um posicionamento utilitarista. Aborda-se a relação entre budismo e utilitarismo em termos da redução de sofrimento pessoal e de outrem a partir do cultivo da compaixão por todas as criaturas sencientes. A seguir, Epicuro e a tese do prazer e sofrimento enquanto medidas para aquilo que é bom e aquilo que é mau são igualmente contempladas.

Outros predecessores da escola utilitarista, tais como como Richard Cumberland, Lord Shaftesbury, Francis Hutcheson, Claude Adrien Helvetius, Cesare Beccaria, Joseph Priestley, David Hume, William Paley e William Godwin, são pontualmente considerados. Vale a pena salientar que a lista apresentada por Lazari-Radek e Singer não pode ser vista como definitiva. Isso porque ela deixa de lado a existência de alguns autores notáveis, como é o caso da filósofa e teóloga inglesa Susanna Newcome (1685-1763) que em sua obra *An Enquiry into the Evidence of the Christian Religion* (1728) propôs um exame de cunho utilitarista acerca da natureza dos valores morais e dos deveres humanos.

¹ Lazari-Radek, K.; Singer, P. (2017). *Utilitarianism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press.

Em decorrência de sua inquestionável importância, as figuras e obras-chave de Bentham, Mill e, particularmente, Henry Sidgwick recebem uma série de observações à parte.

O segundo capítulo retoma as três últimas seções do anterior e analisa as diferentes justificativas filosóficas oferecidas por Bentham, Mill e Sidgwick para o princípio da utilidade. As teses de utilitaristas hedonistas clássicos são enriquecidas com reflexões adicionais acerca de argumentos formulados por proponentes mais hodiernos do utilitarismo, tais como John Harsanyi (1920-2000), J. J. C. Smart (1920-2012) e R. M. Hare (1919-2002). Lazari-Radek e Singer realizam o fechamento do capítulo com uma exposição detalhada de múltiplas variantes do chamado “dilema do bonde” à luz das pesquisas em neurociência conduzidas pelo psicólogo norte-americano Joshua Greene sobre a relação entre senso comum, tomadas de decisão e o raciocínio moral utilitarista.

O terceiro capítulo explora como determinadas vertentes do pensamento utilitarista se associam com as principais teorias filosóficas contemporâneas do bem-estar. Partindo novamente do utilitarismo hedonista clássico, Lazari-Radek e Singer começam por examinar as dificuldades presentes na tese de que o prazer é o único bem que possui valor intrínseco. Uma das dificuldades perscrutadas diz respeito ao experimento mental conhecido como “máquina da experiência” proposto por Robert Nozick (1938-2002). A seguir é discutida a conexão entre utilitarismo preferencial e a teoria do bem-estar baseada na satisfação de desejos. Os autores consideram os desafios que a satisfação de diferentes tipos de desejos (informados, racionais, irracionais, etc.) podem trazer para utilitaristas preferenciais. O capítulo também conta com investigações sobre os méritos do consequencialismo pluralista, a possibilidade de valor além da vida senciente, bem como ponderações adicionais sobre as próprias noções de ‘valor intrínseco’ e ‘prazer’.

O quarto capítulo é dedicado a algumas das principais objeções levantadas contra as teses utilitaristas. A primeira objeção articulada é se o utilitarismo demanda a realização de atos imorais – e.g., torturar uma pessoa inocente em prol do bem comum. Outro conjunto de objeções apresentado diz respeito à viabilidade da mensuração e distribuição da utilidade. Questionamentos referentes a se a ética utilitarista é demasiado exigente e se percebe seres sencientes unicamente como meros receptáculos de prazer e dor (ao invés de indivíduos com valor intrínseco) também são problematizados. Lazari-Radek e Singer oferecem possíveis respostas e soluções para todas as críticas elencadas.

O quinto capítulo – o qual é excepcionalmente enxuto, diga-se de passagem – trata da distinção entre utilitarismo do ato e utilitarismo da regra. Uma porção significativa do capítulo se encontra direcionada à avaliação das dificuldades presentes em ambas as teorias. Ênfase é dada à constelação de problemas que emerge do refinamento de regras a partir de exceções. Outra questão sobre a qual Lazari-Radek e Singer se debruçam aqui é se o utilitarismo seria ‘*self-effacing*’ – i.e., uma teoria que acaba fazendo com que os seus defensores adotem perspectivas filosóficas alternativas.

O sexto e último capítulo lida com algumas das aplicações práticas da doutrina utilitarista. É destacada a aplicabilidade do utilitarismo em questões envolvendo a criação, tratamento e abate de animais não-humanos, decisões referentes ao fim da vida humana (eutanásia ativa/passiva), ajuda humanitária e caridade (altruísmo efetivo), ética populacional e felicidade global. Após o capítulo, encontra-se uma extensa lista de sugestões de leituras acerca dos tópicos explorados ao longo de UAVSI, bem como as fontes bibliográficas empregadas na escrita do volume.

À guisa de conclusão, talvez seja possível pontuar que, não obstante sua brevidade, UAVSI dificilmente poderia ser classificado como uma “introdução ao utilitarismo”. Trata-se de um manuscrito filosoficamente rigoroso e detalhado o bastante para interessar àqueles que já possuem algum domínio sobre os assuntos investigados – porém, que talvez igualmente acabe por exigir um pouco mais de esforço reflexivo de quem não esteja

propriamente familiarizado com tais temáticas. De todo modo, qualquer obra que ajude a desmistificar o pensamento utilitarista é sempre muito bem-vinda.

Referências bibliográficas

Newcome, S. (1728). *An Enquiry into the Evidence of the Christian Religion*. London: William and John Innys.

Williams, B. (1973). A critique of utilitarianism. In: Smart, J. J. C., Williams, B. *Utilitarianism: for and against*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 75-150.